

# Clube de Paris e Argentina dão início às negociações

**HUGO MARTINEZ**  
**Nosso correspondente**

**BUENOS AIRES** — Esta semana deverá ser pródiga em novidades sobre o refinanciamento da dívida argentina. O presidente Raul Alfonsín retomou ontem o tratamento da questão, reunindo-se com o presidente do Clube de Paris, Michel Camdessus, durante mais de uma hora. O país deve US\$ 6,2 bilhões ao Clube.

Camdessus também esteve com o ministro da Economia, Bernardo Grinspún. Fontes ministeriais disseram ao Estado e Jornal da Tarde que o tema central dos dois encontros foi a renegociação da dívida. Mas a presença do presidente do Clube de Paris em Buenos Aires, no momento em que se intensificam as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), traz outra perspectiva.

Uma das correntes afirma que ele veio à Argentina a fim de pressionar as autoridades para que acelerem um acordo com o FMI. Fala-se, inclusive, que Camdessus teria adiantado sua viagem, após a decisão da Reserva Federal — o banco central norte-americano — de não prorrogar a garantia do crédito de emergência que venceu na semana passada.

No entanto, altas fontes do Ministério da Economia apresentaram a este correspondente uma versão mais otimista. Segundo essas fontes, o Clube de Paris está interessado em chegar a um acordo de pagamento com a Argentina e não exige um acerto prévio com o FMI.

Acredita-se que o governo Alfonsín não pretende aumentar os problemas surgidos com o FMI depois que a Argentina se manifestou contrária às receitas recessivas da instituição. Antes de partir para Cartagena junto com

Grinspún, o chanceler Dante Caputo declarou por telefone que a Argentina participa da reunião com a intenção de "não dramatizar a situação nem dar um passo maior do que é possível".

O ministro Grinspún irritou-se ontem quando, depois da reunião com o presidente do Clube de Paris, soube de uma versão dos meios oficiais, segundo a qual o acordo com o FMI seria atingido no fim do ano. "Também poderiam ter dito que seria conseguido no próximo ano. É um disparate", disse, informando que as negociações seguem seu curso e muito antes do que prevêem essas versões, "teremos uma definição sobre o tema".

De qualquer forma, o presidente da Federação de Bancos Cooperativos da Argentina e assessor de Alfonsín em matéria financeira, Alfredo Ferro, afirmou ontem que se houver uma ruptura com o FMI, "todo o país" deve-se solidarizar com o governo. Esta é a postura que os jovens pertencentes a todas as forças políticas argentinas deverão tomar na sexta-feira, durante a concentração contra "a usura internacional e em defesa dos endividados". A manifestação teve estímulo oficial.

Enquanto isso, em Basileia, o presidente do Banco Central argentino, Enrique Vasquez, declarava que o governo "espera conseguir imediatamente um acordo com o FMI, mas que este deve compreender que Alfonsín não pode renunciar a aumentar o salário dos trabalhadores". Ontem mesmo foi anunciado aumento de 14% para os salários do setor privado. Com isso o salário mínimo passa para US\$ 130.

Ao mesmo tempo surgia a informação de que os bancos internacionais haviam cancelado um crédito de US\$ 125 milhões para o pagamento de juros no valor de US\$ 450 milhões.